



he daughter who was
the dotter of her father's eyes
(A menina que era a menina
dos olhos de seu pai)

Jeanne Marie Machado de Freitas **1**

Resumo: Lucia Joyce é um pedaço obscuro nos relatos que falam do Joyce, artista e do Joyce, homem comum. Lucia é um enigma. Falar dela repõe questões fundamentais para a psicanálise referidas à filiação, ao amor e à mulher. A leitura da biografia escrita por Carol L. Shloss, do último trabalho de Joyce, *Finnegans Wake*, e dos escritos da própria Lucia permite o esboço daquilo que teria sido. Nesse esboço é possível apontar o entremeado de relações que a unem a seu pai. Primeiro, a relação do olhar, na impossível *condanção* e, segundo, o curto-circuito dos significantes expostos na língua secreta, na atribuição de poderes telepáticos a Lucia e na realização de *Finnegans Wake*. A trilha traçada pelo significante *dot* e a homofonia entre *daughter/dotter* orientam a leitura e reabrem o enigma no lugar ao qual ele pertence, na enunciação. Lê-se, na escrita desse lugar, a marca quase imperceptível da voz de Lucia: *Yes...but, unfortunately* ressoando em *Finnegans Wake*. *Mememormee*.

Palavras-chave: Função paterna, significante, olhar (o)(a)bjeto

Abstract: Lucia is an obscure part in the written material that has come to consolidate the life of James Joyce, not only Joyce, the artist, but also Joyce, the common man. Lucia is an enigma. To speak about her, causes us to rethink some of the fundamental questions of psychoanalysis: affiliation, love and the woman. The reading of Lucia Joyce's biography, by Carol L. Shloss, the last work of Joyce, *Finnegans Wake*, and Lucia's poor writings gives some clues to draw up the hypothesis on what it could have been. First, the support provided by the dancer and her father's gaze in the attempt of impossible *condanceation*; second, the flow of signifiers coming from three sources: the secret language, and the knowledge related to telepathic powers, Joyce's attribution to Lucia, and *Finnegans Wake*. The path of the signifier *dot/dotter/daughter* guides the reading and reopens the enigma in another place. The place where Lucia's voice left its trace: *Yes...but, unfortunately*. *Mememormee*.

Key words: paternal function, signifier, the (o)(a)bject look

Lucia é um pedaço obscuro nos relatos que buscam ordenar a vida de James Joyce, não apenas o Joyce, artista, mas o Joyce, homem comum. Obstáculo afastado nas sucessivas interações ou simplesmente esquecida, o que é Lucia na constelação da qual Joyce é o centro das especulações?

Uma filha ou A filha? O que vem a ser uma filha afinal? Alguém a quem o Pai ama e/ou reconhece? Alguém a quem se passa o nome? o legado?

Mesmo que alguns processos científicos (DNA) solucionem a questão em registro distinto, envolvem-se aqui outras interrogações que se assentam em solo sempre escorregadio onde se incluem a filiação, o amor e, *last but not the least*, a mulher. Esta última esboça, no conjunto de interrogações, um domínio inoportuno quando não se limita às fronteiras do *quoad matrem*, pois situada fora do discurso do ser, isto é, *hors discours, hors concours*, a mulher, a barrada, *pas-toute*, é excluída, por natureza, da natureza das coisas. A mulher seria assim a desenlaçada.

Falar sobre Lucia Anna Joyce não me parece uma tarefa que simplesmente possa trazer à luz o que foi esquecido, como uma espécie de ato feminista justiceiro, apesar de que isto não me pareça fora de propósito. Falar sobre Ela nos conduz a repensar os elementos que estão na base das construções e das interrogações da Psicanálise e que também fazem parte de um campo ainda em formação, o campo das Ciências da Linguagem (e da Escrita?), campo esse que se institui justamente a partir do suposto freudiano - o inconsciente - e do dizer laciano - o inconsciente está estruturado como uma linguagem - e no qual vicejam as conseqüências que isso acarreta.

Proponho, assim, que, em se tratando do que está escrito, o que minimiza a exigência da escuta, seja legítimo proceder à leitura dos textos, mesmos esparsos, que formam uma espécie de palavras cruzadas daquilo que poderia ter sido a vivência de Lucia.

Dizia ela própria, em recado mandado ao pai: "*Tell him I am a crossword puzzle, and if he does not mind seeing a crossword puzzle, he is to come out (to see me)*" (Baynes, Cary, apud Shloss, C., 2003).

O enigma a ser decifrado, o requesto do olhar perdido.

A confluência do enigmático e do suporte concedido pelo olhar desenha uma certa margem, faz o entorno de alguma coisa no lodaçal feito de sons, de movimento, de trilheiros de idas e vindas, de sinais, de imagens despedaçadas que, ao que se lê na literatura disponível, compunha o cotidiano dos Joyce (e, por que não?, a obra de Joyce).

Joyce, o homem santo, o *sinthôme*, o que sabe fazer o seu trabalho *work/word/w(v)oid in progress*, como um progresso que se faz, não em direção a alguma coisa, mas como uma viagem através de algum lugar, lugar no qual a cada chegada se impõe uma nova caminhada, *sem fim, finn-again, fin-negans*.

O traslado do progresso para a viagem ajuda a construir uma relação e a partir daí voltar ao nosso enigma: "*when I leave this dark night...*" deseja Joyce com o manuscrito de *Finnegans Wake* nas mãos (Shloss, 2003). Noite escura na qual se movia Joyce, mas não de qualquer modo: há rios, há marcas, há sendas, um mapa, enfim. Há memórias. Um brilho na memória.

Um brilho intenso na memória, um ponto, um salpicado de pontos, *the dot* *Dot* está por alguma coisa: a coisa *dançante*. A coisa *dansante* o movimento, remete ao que J. Aubert chama de ideal louco. O louco ideal, a arte do gesto; de *brooding e breeding* à performance des "*Boeufs du Soleil*, que coloca em jogo, por movimentos ínfimos, a língua e as letras" (Aubert J.,1987).

O fascínio pela dança, pelo movimento, recoloca Lucia no vértice da junção: Lucia dança, aprendiz do caminho de Isadora Duncan e praticante, o grupo *Les Six de Rytme et Couleur*. Joyce olha: o corpo jovem e flexível da filha envolto ora em túnicas gregas, ora na elaborada fantasia de peixe feita por ela mesma..."*fishy eyes*"; Joyce cativo: a tentativa da *condança*ção impossível, da compressão no redemoinho dos gestos, das posturas, desses pedaços que não cabem em lugar nenhum, que só permitem mesmo, na compressão, o desenho do entorno. "*In the buginning is the woid, in the muddle is the soundance*" (Joyce, 2002).

A dança, um resto irrecuperável da estrutura, no dizer de Lacan, não é uma língua, a instituição social pensada por F. Saussure. A dança é outra coisa: ela provém, sim, da inscrição do significante no corpo, mas a inscrição que o transforma em causa, em leveza, em fugacidade, na atração dos olhares, pois é para isso que é feita. A dança sem o olhar é o mesmo que a música sem o ouvir.

Lucia dança para Joyce. Lucia dança para o seu Pai. O resto se configura no objeto, no osso, os-bjeto, que faz a mediação entre o pai que olha, cativo nesse olhar, e algo que está para além, em outro Corpo, na Coisa-Mãe, *daughter-mother, daughter-wife, daughter-woman*.

A queda do os-bjeto, do objeto @, para nomeá-lo, se segue à momentaneidade do brilho, do menos phi, do falo, ao qual este é ligado, e abre o vazio: outra coisa se escreve - a letra. O objeto @ é testemunha da intrusão de outra coisa no sentido das coisas. A escritura é essa outra coisa que, do lodaçal, espreita o escrito. Da letra @, a alma, agente que anima o amor, alma que ele ama na sucessão de nomes com os quais a batiza: Milly, Issy, Isolda, Anna Livia Plurabelle.

Dot, como a pequena esfera negra que é colocada no final de Ítaca, com a dupla função de demarcar a intersecção entre partes separadas, e que marca a continuidade e, ao mesmo tempo, a diferença, dança agora em diferentes lugares da língua: é *dotter*, o apaixonado, perdido de amor; *dotter*, a criancinha; *dotter* enlaça, ainda, o instrumento usado para colocar as letras em relevo para aqueles que não vêem, os cegos. "...*the dotter of his eyes...*(Joyce, 2002: 372.3) "... *the light given the wonder wild* (Joyce, 2002)." "...*A wonder wild/ In gentle eyes thou veilest...*(Flower Given to My Dughter).

O enigma envolve três pontas: Joyce e Lucia teriam uma língua comum, própria, feita talvez das diferentes línguas que conheciam. O testemunho desse em comum na diferença encontro na citação de Lucia, ao caracterizar uma amiga

por terem em comum (a expressão é da própria Lucia) o fato de ambas falarem três ou quatro idiomas, o que poderia aproximá-las. A segunda suposição provém da atribuição de poderes telepáticos a Lucia, por Joyce. A terceira interroga *Finnegans Wake*: a quem se dirige? Esse longo entramado da rehistória do mundo é endereçado a quem? Que movimento anima a pena dessa misteriosa escrita?

As duas primeiras pontas desse enigma podem ser unidas pela questão do saber: Joyce e Lucia sabem uma língua que ninguém mais sabe, um segredo; Lucia sabe, pelos seus poderes telepáticos, o que se passa na mente das pessoas, sabe dos segredos dos outros e os conta a Joyce. Passa, pela língua secreta (lalangue?) um outro sentido de **dotter**, o doador. Mas o doador, ao doar se expõe, coloca em circulação o seu bem e, no caso, o saber mais escondido, nos outros e em si próprio, não há mais segredos guardados. E por aí, parece-me, se encaixa a dobradiça que religa Joyce e Lucia.

A terceira ponta, atando as duas outras, talvez faça de Lucia a destinatária dessa *letter*: um conto que começa continuando... *riverrun past*...e termina começando *...the*, conto que responde ao apelo repetido da criança: conta mais, conta mais. E faz eco ao desejo do pai: "...when I leave this dark night she will be cured..."

3 *Yes...but, unfortunately*

Lucia passou três décadas de sua vida em internações intermitentes, agora não mais a atração do olhar, mas aquela que está sob vigia. Em francês essa passagem encontra abrigo: **regarder/garder**.

A pedido do biógrafo de Joyce, Richard Ellmann, escreveu algumas páginas que denominou: *My life: Lucia Joyce, the daughter of James Joyce* (24 de outubro de 1961). O relato gira entorno das lembranças: os namorados, os amigos, as viagens, o cuidado que os amigos dos pais, os parentes e os doutores têm para com ela. Os procedimentos médicos da época - a camisa de força, a detenção no quarto etc., não são alvo de queixa: *yes...but* (eu mereci), *unfortunately*.

Lucia se apaga: "*This body, which you see is devoid of soul. It has left me, and I hope it has gone to a better place than this earth which is full of suffering and unfortunate beings*" (Shloss, 2003).

Destituído de alma porque aquele que a anima, que ama a alma e a toma como sua alma, não mais está.

Joyce morre em 1941. Lucia se queixa:

"*What is he doing under the earth?... He's watching you all the time*" (Shloss, 2003).

"*...the clouds are not inaccessible and I have seen the mountain peaks and the ocean, its surface like a ripe fruit, with my own eyes*" (Idem).

Mememormee. (Joyce, 2002: 628.14)

AUBERT, J (1987). Joyce avec Lacan. Navarin Ed. Paris.

BOHEEMEN-SAAF, C (1999). Joyce, Derrida, Lacan and the trauma of History. Cambridge UP. UK.

LACAN, J. Le sinthome. Seminaire, 1975-1976.

JOYCE, J (2002). Finnegans Wake/Finnicius Revém. Tra. Schüller, D. AE. São Paulo.

.SHLOSS, C.L (2003). Lucia Joyce To Dance in the Wake. Farrar, Strauss, Giroux. NY.